

A ORDEM DOS CONSTITUENTES EM ASURINÍ DO XINGU: UM ESTUDO PRELIMINAR

Antônia Alves Pereira¹
Bárbara Tieli dos Santos Silva²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo verificar a ordem básica dos constituintes no Asuriní do Xingu. Essa língua pertencente à família Tupí-Guaraní, grupo Tupi. Partindo do uso de critérios tipológicos, confirmamos que a ordem básica dos constituintes nessa língua é SOV (sujeito, objeto e verbo), embora seus falantes façam uso de mais de uma ordem -estando em conformidade com o que ocorre em outras línguas, visto que as construções linguísticas são também motivadas por fatores pragmáticos. Dessa maneira, o trabalho vem também corroborar para confirmação de que a ordem básica dos constituintes desempenha um importante papel no estudo de categorias linguísticas, sendo assim, um importante recurso na descrição de línguas.

Palavras-chave: ordem, constituinte, tipologia, morfossintaxe.

Introdução

Este artigo tem como objetivo verificar o padrão de ordem básica dos constituintes na língua Asuriní do Xingu. Essa língua, conforme classificação de Rodrigues (2002), faz parte da família Tupí-Guaraní, grupo Tupi. O povo Asuriní do Xingu vive no município de Altamira, estado do Pará.

¹ Doutorado e Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora adjunta na Universidade Federal do Pará, *campus* Belém, curso Letras-Português. E-mail: antonia@ufpa.br.

² Graduada em Letras-Português Pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista do projeto As partículas no Asuriní do Xingu, coordenado pela professora Dra. Antônia Alves Pereira. E-mail: barabarasilvasantos15@gmail.com.

As descrições e análises em torno das línguas indígenas brasileiras vêm tendo uma importância muito grande para os estudos tipológicos, pois o avanço desses estudos tanto tem corroborado para o fortalecimento de universais linguísticos quanto para o questionamento de outros.

A análise apresentada nesse trabalho segue os pressupostos teóricos da linguística tipológico-funcional, presentes em autores como, Greenberg (1963), Comrie (1981), Givón (2001), Payne (1997). Os dados utilizados, nesse trabalho, foram coletados *in locu* por Pereira em diferentes momentos de sua pesquisa, são provenientes de eliciações, narrativas e conversas em contexto natural, sendo estes dois últimos, posteriormente, testados pela autora.

Ao longo desse trabalho, discutimos como a ordem dos constituintes se alinha com as generalizações tipológicas propostas para o tipo de ordem predominante na língua, ou seja, discutimos se há ou não harmonia em todos os aspectos decorrentes do fator ordem.

Esse artigo está dividido em três partes. Na primeira parte, tratamos de aspectos tipológicos relacionados à ordem dos constituintes nas línguas do mundo e suas contribuições para o conhecimento de categorias gramaticais. Na segunda parte, tratamos da ordem dos constituintes no Asuriní do Xingu, mostrando o padrão básico da língua, e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1. A ordem dos constituintes numa perspectiva tipológico-funcional

Lehmann (1981) sustenta que o estudo tipológico-funcional parte da percepção de que as línguas partilham propriedades internas comuns, o que explicaria a capacidade humana para aprender idiomas, aparentemente, muito diferentes entre si. A essas propriedades referentes ao conjunto completo das línguas humanas, Dik (1997) chama de *linguistic universals* (universais linguísticos).

Os estudos envolvendo ordem dos constituintes, atualmente, partem do trabalho desenvolvido por Greenberg (1963), pioneiro na temática. A partir dos trabalhos desse autor, ficou evidenciado que a ordem dos constituintes sujeito, objeto e verbo influenciava diretamente outros constituintes da gramática. Essa constatação levou-o ao pensamento de que as línguas do mundo apresentavam certas características em comum. Partindo dessa ideia, postulou padrões linguísticos com base no enfoque generalizante,

vislumbrando regularidades entre línguas que apresentavam a mesma ordem dos constituintes. Postulou, por exemplo, que as línguas do tipo SOV tendem a ter posições e o genitivo quase sempre ocorrer depois do nome; já nas línguas que têm como ordem básica SVO, como o português, tendem a apresentar preposição e o genitivo ocorrer quase sempre depois do nome possuído.

Mithun (1987, *apud* Payne, 1975, p.80) questiona a importância da ordem básica dos constituintes para a descrição de todas as línguas:

Mithun (1987) questions the notion that every language should be describable in terms of a basic order of constituents determined by grammatical relations. She argues that in at least three languages, Cayuga (Iroquoian of Ontario), Ngandi (Australian of East Arnhem Land), and Coos (of Oregon), grammatical relations have no direct effect on constituent order. Instead, pragmatic status of the nominal constituents is the best determiner of the order of those constituents with respect to the verb. (PAYNE, 1997, p.80)

Segundo a autora acima citada, nessas três línguas as posições dos constituintes nominais são aparentemente determinadas, em grande parte, por fatores pragmáticos: “In these three languages, the positions of all nominal clause constituents (i.e., A, P, and oblique elements) are apparently determined to a large extent by pragmatic factors” (Mithun, *apud* PAYNE, 1997, p.80).

Para estabelecer o que compreender por tipologia de ordem básica, Greenberg (1963) propôs que se observasse: a) a existência de preposições (Pr) ou posposições (Po) nas línguas; b) a ordem relativa de sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) em sentenças declarativas e c) a posição ocupada pelo adjetivo que designa qualidade em relação ao nome.

Além dos critérios acima citados, a tipologia aponta também como fatores importantes para a constatação de uma ordem básica de constituintes, elementos como: (I) a verificação da ordem que possui maior número de ocorrências na língua; (II) a menor marcação pragmática e morfológica nas sentenças analisadas, e (III) a maior produtividade gramatical e o maior grau de harmonia entre as categorias dos elementos.

Conforme as pesquisas de Greenberg (1963), as línguas do mundo podiam apresentar as seguintes ordens possíveis: SOV, SVO, VSO, VOS, OVS, OSV, sendo os quatro primeiros tipos mais recorrentes e os dois últimos aparecendo apenas como ordens possíveis, lógicas. Greenberg afirma que, quando se trata de orações declarativas, a

ordem mais recorrente é quase sempre uma em que o sujeito é posicionado antes do objeto.

Segundo Payne (1997), a ordem básica dos constituintes pode ser identificada em frases “pragmaticamente neutras” e que não sejam de tais tipos: relativas, de parágrafo inicial, introdutoras de participantes do discurso, interrogativas, negativas ou frases claramente contrastantes. Apesar disso, pode ser muito difícil determinar a ordem básica em uma língua. Em conformidade com o autor acima citado, línguas com o padrão verbo-inicial tendem a ser mais flexíveis quanto à ordem dos constituintes:

[...] Verb-initial languages tend to allow more flexibility of constituent orders than verb-final or verb-medial languages. For this reason, if discourse in a given language contains many verb-initial clauses, it may be difficult to determine what the basic constituent order is. (PAYNE, 1997, p. 75)

Não obstante o pioneirismo do trabalho de Greenberg, ele não ficou imune a críticas de seus sucessores. Para Lehmann (1978), a relação entre verbo e objeto constitui o padrão mais importante das línguas, tomando, portanto, VO e OV como índices para predição dos demais parâmetros. Esse autor considera a ordem do sujeito irrelevante para a classificação tipológica das línguas, argumenta que o verbo e, em segundo lugar, o objeto são elementos centrais das frases. Há, segundo ele, frases simples constituídas apenas por verbos, não se registrando, entretanto, frases constituídas exclusivamente por sujeitos.

Além disso, o fato de Greenberg ter trabalhado apenas com 30 línguas constituía um ponto negativo do seu trabalho, visto que o número restrito de línguas poderia comprometer o resultado de sua pesquisa. Dryer (1992), em trabalho realizado com 625 línguas, mostra outros correlatos e variações, observados a partir da ordem de ocorrência dos constituintes na sentença, que não tinham sido tratados por Greenberg.

Apesar dessas críticas e de o avanço no campo de análise e descrição de línguas ter mostrado que alguns dos parâmetros propostos por Greenberg não funcionavam perfeitamente para algumas línguas, o trabalho desse autor ainda continua sendo uma ferramenta muito importante para o trabalho do linguista que faz análise e descrição de línguas, funcionando como um importante ponto de partida. É certo que depois de mais de cinco décadas, com descrições e análises envolvendo mais línguas, alguns correlatos têm mostrado não funcionar perfeitamente para algumas línguas. Como exemplo, citamos

a língua Xavante (tronco Macro-Jê), que conforme Oliveira (2015, p. 92), tem como ordem dominante o padrão SOV, obedece ao parâmetro adposicional, possuindo posposição. Entretanto foge ao parâmetro adjetivo-nome ao manifestar a ordem nome-adjetivo, ou seja, o nome posicionado antes do adjetivo, característica do padrão SVO, estando em desarmonia com as previsões de Greenberg.

Cabe destacar que esse autor muito mais que revelar que certas correlações se mantêm a partir da ordem básica das palavras em uma língua e demonstrar a importância da implicatura universal, liderou um movimento de passagem da tipologia tradicional, baseada na morfologia, para uma contemporânea, mostrando a importância da sintaxe na apreensão de princípios e universais linguísticos. Dessa maneira, a importância dos trabalhos de Greenberg chega até nós, mostrando que alguns de seus postulados universais atravessaram o tempo e se mostram válidos na contemporaneidade, como o universal 1, segundo o qual em sentenças declarativas com sujeito e objeto nominais, a ordem dominante é quase sempre aquela em que o sujeito precede o objeto.

2. A ordem dos constituintes no Asuriní do Xingu

Na língua Asuriní do Xingu, os constituintes sujeito, verbo e objeto figuram em mais de uma ordem na sentença. A razão para isso está relacionada ao fato de as construções linguísticas serem regidas também por fatores pragmáticos. Embora propriedades formais e propriedades funcionais nem sempre sejam estudadas em conjunto, é fato que os falantes fazem uso de ambas ao se comunicarem. Por exemplo, a ordem é uma propriedade formal, mas sua manifestação na superfície linguística é guiada também por fatores de cunho funcionais. Um falante pode colocar o sujeito em uma posição de destaque ou não, conforme seus propósitos comunicativos, ele pode fazer uso de uma forma mais marcada ou menos marcada, de acordo com suas intenções. Dessa forma, é possível que uma língua apresente flutuações na ordem básica dos constituintes. Entretanto, é possível que suas características gramaticais mostrem a predominância de um tipo de ordem, mesmo naqueles casos em que ocorrem variações. Além disso, a variação na ordem básica dos constituintes pode estar também relacionada ao contato existente entre o Asuriní do Xingu e o Português. Nesse sentido, Dietrich (2009) mostra que em muitas línguas da família Tupí-Guaraní, como o Guaraní-mbya, Guaraní paragaio e o Avá-canoeiro, tem sido observada a troca da ordem SOV por SVO em decorrência do

contato contínuo com a língua dominante de ordem SVO. A seguir, partindo de critérios adotados pela tipologia linguística, para a definição da ordem dos constituintes, analisaremos a ordem padrão, aquela mais recorrente na língua Asuriní do Xingu. Observaremos a) a ordem relativa de sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) em sentenças declarativas; b) a existência de preposições (Pr) ou posposições (Po), c) A posição ocupada pelo descritivo que designa qualidade em relação ao nome e d) As posições do genitivo e do numeral em relação ao nome.

Para definição da ordem dos constituintes, partimos de frases pragmaticamente neutras e não sendo: relativas, de parágrafo inicial, introdutoras de participantes do discurso, interrogativas, negativas ou frases claramente contrastantes. Dado que sentenças com esses traços podem interferir na neutralidade da construção, em conformidade com Payne (1997).

2.1 A Ordem relativa de sujeito, verbo e objeto na sentença

De acordo com Pereira (2009), os verbos, nessa língua, funcionam como núcleo do predicado e podem ser divididos entre verbos ativos e inativos. Além disso, a autora afirma que o verbo em Asuriní do Xingu “é flexionado por prefixos pessoais, prefixos relacionais e pronomes pessoais em função clítica, por morfemas modais e pela possibilidade de receber o nominalizador {-tap}.” (p. 130).

Nos exemplos abaixo, podemos perceber o verbo em posição final e antecedido pelo objeto, em orações com ou sem sujeito expresso por nominal.

(01) Tjamira mani'aka u-mu'in
Npr mandioca 3sg³-cozinhar
'Taimira cozinhou mandioca'

(02) Kwa'i ipira u-py'yk
Npr peixe 3sg-pegar
'Kwa'i pegou peixe'

³**Abreviaturas e convenções:** Circ= Circunstancial, Fem=feminino Gn=morfema genérico, Dem=Demonstrativo, Mas=Masculino, Nom=Nominalizador, Npr=Nome próprio, Pl=Plural, Posp=Posposição, Rel=Prefixo relacional, A= sujeito, O= Objeto, Q=Interrogação 1=1a pessoa, 2= 2a pessoa, 3=3a pessoa.

No exemplo (03), podemos observar uma oração construída pelo sintagma nominal objeto (O), seguido do sintagma verbal, sendo o sujeito identificado através de uma marca pronominal no verbo.

- (03) Tata e-petek
 fogo 2sg-abanar
 ‘abane o fogo!’

Nessa língua, existem diversos recursos que possibilitam a identificação do sujeito, sendo a concordância entre sujeito e verbo, o critério mais seguro, aparecendo, na sequência, a ordem dos constituintes. O sujeito pode aparecer expresso por nomes, pronomes ou mesmo ser apagado, via movimentação sintática, entretanto, isso tende a não interferir na posição do verbo, que é predominantemente final, como podemos ver nos dados acima.

2.2 Adposições

No Asuriní do Xingu, há o emprego de posposições no sistema adposicional, estando, dessa forma, em harmonia com o padrão linguístico que apresenta o verbo em posição final. As posposições, de acordo com Pereira (2009), constituem uma classe fechada na língua, morfologicamente dividem-se nas classes **r-** e **Ø-**, possuem funções e traços semânticos diversos e, além disso, estão, normalmente, ligadas a complementos chamados de objeto da posposição, que pode ser um nome simples, um pronome, um demonstrativo, um reflexivo ou uma palavra interrogativa. No exemplo (04), a posposição está ligada a um pronome e pertence à classe **r-**. Já nos exemplos (05) e (06), pertence à classe **Ø-** e está ligada a um nome simples, no exemplo (06):

- (04) e-djat dje r-eve
 2sg.II 1sg Rel-Posp
 ‘Vem comigo!’

- (05) mamya Ø -katy pe ava ga reraha

onde Rel-Posp Q povo 3sg.Mas levar
'Para onde o povo (a pessoa) o levou?'

(06) Ka ø- 'i a-djat
roça Rel-Posp 1sg-vir
'eu vim da roça'

2.3 Descritivos

As palavras que expressam propriedades adjetivais, em Asuriní do Xingu, não constituem uma classe de palavra rotulada 'adjetivo', como em muitas línguas. Isso não significa, entretanto, que a língua não apresente recursos para expressar as características típicas dessa classe. Dessa maneira, termos como bonito, alto, magro, que em português são agrupados na classe dos adjetivos; em Asuriní do Xingu, de acordo com Pereira (2009), são agrupados em uma subclasse de verbo, denominada verbos descritivos. Essa subclasse de verbos ora partilha características com os verbos ativos, ora partilha características com os nomes. Porém, por partilharem mais características comuns com os verbos, a autora sugere que os descritivos sejam classificados como uma subclasse dos verbos.

Os exemplos abaixo mostram que a posição de ocorrência dos descritivos, nessa língua, é após o nome.

(07) Myra i-fuku
Npr 3sg-ser.grande
'Myra é alta'

(08) Yvyra i-fuku
árvore 3sg- ser.alta
'a árvore é alta'

Dessa forma, a ordem de ocorrência das palavras que desempenham a função de descritivos nessa língua é Nome-Descritivo. O fato de os descritivos ocuparem a posição final na sentença, reforça a característica verbal dessa classe, já que, como vimos

acima, a posição final é ocupada pelos verbos nessa língua. Essa característica dificulta a verificação da correlação do padrão da posição do qualificador em relação ao núcleo. Se considerado como adjetivo, estaria em oposição ao parâmetro segundo o qual o qualificador vem antes do núcleo em línguas verbo-final. Entretanto, como verbo, ele está exatamente no lugar que deveria encontrar-se: na posição final. Cabe destacar, contudo, que esse parâmetro tem sido questionado. Segundo Dryer (1992, p. 132), a ordem do adjetivo e do demonstrativo em relação ao nome não exhibe qualquer correlação com a ordem de objeto e verbo: ‘The order of adjective and demonstrative with respect to the noun does not exhibit any correlation with the order of object and verb’. Dessa maneira, o comportamento dos descritivos nessa língua não serve para sustentar nem uma das duas posições, dada a sua natureza.

2.3 Genitivo

A Construção possessiva, nessa língua, é constituída por um possuidor e um possuído. A ordem é sempre possuidor-possuído⁴. A relação que se estabelece entre os dois termos é de dependência e pode ser intermediada pelos relacionais.

(09) dje ø-papira
1sg Rel-panela
‘minha panela’

(10) Myra r-uva u-manu
Npr Rel-pai 3sg-morrer
‘o pai de Myra morreu’

Dessa forma, a ordem, nas construções possessivas é Genitivo-Nome, estando em harmonia com o parâmetro tipológico para línguas SOV.

2.4 Numeral

⁴ Nessa língua há um recurso, chamado posse mediatizada, que faz com que alguns nomes de animais possam ser possuídos. Tal recurso consiste do morfema [-**eimava**] que pode ser traduzido, *grosso modo*, como ‘doméstico’ ou ‘criação’, colocado entre o possuidor e o nome faz com que este possa ser possuído.

Os numerais, quando desempenham a função de quantificar um nome, seguem a ordem numeral-nome, como podemos ver abaixo:

(13) Mukuj ipira
dois Peixe
'dois peixes'

(14) iruma'e tukunaré a-pi'yk
três tukunaré 1sg-pegar
'peguei três tucunarés'

Dessa maneira, a ordem do numeral no sintagma nominal também está em simetria com o padrão SOV.

2.5 Demonstrativos

Em Asuriní do Xingu, de acordo com Pereira (2009), os demonstrativos, quando desempenham a função de modificador, ocorrem na posição que antecede o nome, estando em harmonia com o padrão SOV

(15) Ka ga yvy
Dem 3sg.Mas Terra/chão
'nesta terra'

(16) Au ga u-manu-ø
Dem 3sg.Mas 3-morrer-Circ
'esse aqui morreu'

Partindo do que expusemos acima, com base em critérios para estabelecimento de ordem básica vocabular em uma língua, podemos afirmar que o Asuriní do Xingu é uma língua, cuja ordem preponderante é SOV, mesmo que outras ordens vocabulares

sejam possíveis na língua. Os exemplos acima mostram-nos que a língua está em harmonia com o padrão SOV. Abaixo sintetizamos esses correlatos:

Predições de Greenberg para o padrão SOV	Ordem das construções em Asuriní do Xingu, língua SOV
Posposição	Posposição
Adjetivo→Nome	Nome- Descritivo
Genitivo→Nome	Genitivo→Nome
Numeral→Nome	Numeral→Nome
Demonstrativo→Nome	Demonstrativo→Nome

A análise que se apresenta aqui para o Asuriní do Xingu vem corroborar com os estudos tipológicos segundo os quais a posição do verbo com relação ao objeto tende a se correlacionar com uma série de outras ordens em níveis diferentes, como a ordem das palavras dentro do sintagma. As linguagens SOV normalmente se comportam de uma maneira, enquanto as linguagens SVO normalmente se comportam de forma diferente. A seguir exemplos de quatro línguas distintas.

- (17) je Ø-pyt
 1sg Rel-casa
 ‘Minha casa’ (Kamaiurá, Seki 2000)
- (18) ene r-aka
 2sg Rel- casa
 ‘Sua casa’ (Asuriní do Xingu, Pereira 2009)
- (19) i- 3- õ rop
 1 Rel- Pos cachorro
 ‘Meu cachorro’ (Parkatejê, Ferreira 2003)

Conforme podemos observar, nos exemplos acima, tanto em Asuriní do Xingu, quanto em Kamaiurá e em Parkatejê, línguas SOV, um Sintagma nominal pode ter a seguinte configuração no que tange à relação de posse: Genitivo-núcleo nominal, diferentemente de línguas SVO, como a portuguesa que apresentam a ordem Núcleo nominal-genitivo.

Considerações Finais

Neste artigo, discutimos a ordem básica dos constituintes na língua Asuriní do Xingu, partindo de critérios encontrados na tipologia linguística, especialmente, a partir dos trabalhos de Greenberg (1963). Constatamos que o Asuriní do Xingu, apesar de fazer uso de mais de uma ordem de constituintes -estando em conformidade com o que ocorre em outras línguas, visto que as construções linguísticas são também motivadas por fatores pragmáticos- tem como ordem preponderante SOV. Esse estudo mostrou que a língua segue em grande parte as generalizações tipológicas previstas para línguas de ordem verbo-final, estando em conformidade com os correlatos propostos para esse padrão.

Dessa forma, esse trabalho mostra que o estudo sobre ordem, na língua Asuriní do Xingu, fortalece tendências propostas pela tipologia linguística para línguas que seguem o padrão SOV. Mostra, contudo, que os parâmetros não funcionam de modo uniforme para todas as línguas. Assim, concordarmos que a ordem dos constituintes em uma língua pode atuar como um importante recurso na sua descrição, não dispensando, apesar disso, o uso de outros recursos e a ideia de que sempre é possível uma língua revelar-se funcionalmente diferente do esperado para um certo padrão.

Referências

COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford, Brasil Blackwell , 1981.

DIETRICH Wolf. Cambio del orden de palabras en lenguas tupí-guaraníes. *Cadernos de Etnolingüística*, volume 1, número 3, dez/2009.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar – Part 1: The structure of the clause*. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DRYER, M.S. The Greenbergian Word Order Correlations. *Language*, 68 (1), p.81-138, 1992.

_____. On the six-way word order typology. *Studies in Language*, 1997, v.21, n.1, p. 69-103.

FERREIRA, M. N.O. Estudo Morfossintático da língua Parkatêjê. (*Tese de Doutorado*). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIVÓN, T. *Syntax, an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GREENBERG, J. H. *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*. In: GREENBERG, J. H. (Ed.) *Universals of language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1963. p. 73-113.

LEHMANN, W. P. *The great underlying ground-plans*. In: LEHMANN, W. P. *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*. 2. ed. Austin: University of Texas Press, 1981. p. 3-56.

_____(ed.). *Syntactic Typology*. Austin: University of Texas Press, 1978.

OLIVEIRA, R. C. de. *Sintaxe tipológica*. In OTHERO, G. A. de e KENEDY, E. (Org.) *Sintaxe: sintaxes: uma introdução*. Editora contexto, São Paulo, 2015, p. 85-102.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax – a guide for field linguists*. New York: Cambridge University Press, 1997

PEREIRA, A. A. Estudo Morfossintático do Asuriní do Xingu. *Tese de doutorado*. Unicamp, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, A.D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SEKI, L. Gramática do Kamaiurá: Língua tupí –guaraní do alto Xingu. Editora da Unicamp; São Paulo Imprensa Oficial, 2000.

THE ORDER OF CONSTITUENTS IN ASURINÍ DO XINGU: A PRELIMINARY STUDY

ABSTRACT

This article aims to verify a basic order of constituents in the Asuriní do Xingu. Using typological criteria, we confirm that the basic order of constituents in this language is SOV (subject, object and verb), although its speakers use more than an order -being in conformity with what happens in other languages, since the linguistic constructions are also motivated by pragmatic factors. In

this way, the work also confirms that the basic order of the constituents plays an important role in the study of linguistic categories, being an important resource in the description of languages.

Keywords: order, constituent, typology, morphosyntax.

Recebido em 16/06/2021.

Aprovado em 02/09/2021.